

**UNIVERSIDADE VEIGA DE ALMEIDA – UVA/RJ**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**  
**POS-GRADUAÇÃO EM TEORIA E PRÁTICA JUNGUIANA**  
**TPJ/PE**  
**JANE NUNES DE SOUSA**

**SOBRE O INCONSCIENTE COLETIVO DA ALMA BRASILEIRA**  
**SUA HISTÓRIA E SEU RESGATE**  
**UMA VISÃO ARQUETÍPICA**

**Recife**  
**2011**

**JANE NUNES DE SOUSA**

**SOBRE O INCONSCIENTE COLETIVO DA ALMA BRASILEIRA  
SUA HISTÓRIA E SEU RESGATE  
UMA VISÃO ARQUETÍPICA**

Monografia apresentada à Universidade Veiga de Almeida – RJ, como parte dos requisitos para a obtenção do título de pós-graduada em Teoria e Prática Junguiana (TPJ), área de Psicologia, sob a orientação da Pós-Dra. Prof<sup>ª</sup>. Elizabeth Christine Cotta Mello.

**Recife  
2011**

**JANE NUNES DE SOUSA**

**SOBRE O INCONSCIENTE COLETIVO DA ALMA BRASILEIRA  
SUA HISTÓRIA E SEU RESGATE  
UMA VISÃO ARQUETÍPICA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Teoria e Prática Junguiana da Universidade Veiga de Almeida – Rio de Janeiro, como pré-requisito para obtenção do grau de pós-graduada.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Pós- Doutora Prof<sup>a</sup>. Elizabeth Christine Cotta de Mello

---

Pós- Doutor Prof. Maddi Damião Júnior

---

Prof<sup>a</sup>. Priscila Martins

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo auxílio espiritual que me concede em todos os dias da minha vida.

À minha família de tantas raízes, pela união, força, fé e sustentação em inúmeros momentos compartilhados nas etapas do meu viver.

Às minhas amadas filhas, Carolina, Cláudia e Clara, que dão sentido à jornada da minha vida. À Mariana, minha filha sobrinha, pelo amor materno que lhe devoto.

Ao meu chefe Hélio Correa, pelo apoio incondicional na nova carreira acadêmica.

Aos amigos de tantos anos pelos sorrisos, lágrimas e confiança mútua.

À Neide, Andrea, Cristina, Camila, Cláudia e Márcia, novas amigas do meu universo.

À Elizabeth Mello, orientadora, pelo modo amoroso e encorajador, dando forma ao meu trabalho.

A todos que fazem o curso de Teoria e Prática Junguiana Recife/Rio.

“É uma coisa tremenda a brutalidade dessa sociedade. Ela come não só o pobre, mas a consciência dele”.

Darcy Ribeiro

“Do mesmo modo que o corpo humano é um agrupamento completo de órgãos, cada um com o termo de longa evolução histórica, também devemos admitir na psique organização análoga. Tanto quanto o corpo, a psique não poderia deixar de ter sua história”.

C. G. Jung

## RESUMO

Esta monografia objetiva, prioritariamente, trazer alguns pontos importantes para entendermos a formação da alma brasileira, no que lhe é mais caro: sua *psique*. Como se estruturou diante dos processos históricos vividos e compartilhados gerando os traços psicológicos constitutivos via colonização do país e de que forma influenciaram até hoje a maneira de pensar e agir de um povo diante de suas crenças e de seu papel no panorama da globalização contemporânea com elementos pertinentes à Psicologia Analítica destacando a Projeção, o Inconsciente Coletivo e a Sombra baseados nos pressupostos, idéias e pensamentos tão bem representados por Carl Gustav Jung. Como pesquisa bibliográfica a obra *Espelho Índio – A Formação da Alma Brasileira* do analista junguiano Roberto Gambini serviu como fonte e alicerce histórico que tem nas Cartas Jesuíticas do século XVI, a riqueza da narrativa na experiência do encontro de dois grupos de diferentes etnias trazendo uma jornada sem precedentes na identidade e no necessário resgate de um povo diante de suas raízes, suas origens cujo maior preconceito é a indiferença. A busca dos símbolos na teoria junguiana contém a força que estabelece as pontes que nos fazem tocar e sermos tocados – a manifestação simbólica que reflete um olhar especial sobre os universos do material e do imaterial de uma nação.

**PALAVRAS – CHAVE** Jung, projeção, inconsciente coletivo, sombra, psicologia analítica.

## ABSTRACT

This monography aims primarily to bring some important points to understand the formation of the Brazilian soul, as it is more expensive: his psyche. As has been structured on the historical processes experienced and generating the shared psychological traits constituent through colonization of the country and how they affect today's way of thinking and acting of a people on their beliefs and their role in the scene of contemporary globalization with elements relevant to the Analytical Psychology highlighting the Projection, the Collective Unconscious and the Shadow based on the assumptions, ideas and thoughts so well represented by Carl Gustav Jung. As bibliographical work *Indian Mirror - The Formation of the Soul of Brazilian* book written by Jungian analyst Roberto Gambini served as the source and historical foundation that has the Priest Letters of the sixteenth century the wealth of experience in the narrative of the encounter of two different ethnic groups, bringing a unprecedented shift in the identity and the need to rescue a people before their roots, their origins whose major bias is indifference. The search for symbols in Jungian theory contains the force down the bridges that make us touch and be touched - the symbolic manifestation that reflects a particular eye on the universe of material and immaterial of a nation.

**KEY – WORDS** Jung, projection, collective unconscious, shadow, analytical psychology.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2. SOBRE O INCONSCIENTE COLETIVO DA ALMA RASILEIRA.....</b>	<b>12</b>
2.1 A Projeção do Estrangeiro Sobre Nosso Povo: Ad Majorem Dei Gloriam.....	12
2.2 A Sombra do Conquistador (A Projeção do Inferno).....	15
2.3 A Imagem do Homem Primitivo Pelos Jesuítas.....	18
2.4 As índias e o Feminino Ausente: A Relação da Anima e do Animus .....	21
<b>3. SUA HISTÓRIA E SEU RESGATE – UMA VISÃO RQUETÍPICA.....</b>	<b>23</b>
3.1 A Identidade Cultural.....	23
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>27</b>
<b>5. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>32</b>



## INTRODUÇÃO

Para descortinar a formação da alma<sup>1</sup> brasileira, faz-se necessário uma viagem ao seu nascedouro e seu desenrolar no processo histórico que acarreta até os dias atuais o comportamento intrínseco na sua forma de pensar, sentir, e agir. O que se precisa indagar, prioritariamente, é como a nossa consciência coletiva moderna - o que se percebe, discrimina e entende como adaptação - ao longo da nossa história sofre a negação da sua identidade e que resultantes aparecem diante da chegada do estrangeiro em terras indígenas que promoveram um drama oculto. Jung já mencionava os percalços que a consciência humana se depararia diante das dificuldades: *“Ela (a consciência) não compreende como seu mundo se alterou, e que atitude deveria tomar para adaptar-se novamente.”*<sup>2</sup>

C. G. Jung menciona o conceito de alma como a atitude que a consciência assume em relação ao inconsciente e *“mais em geral a atitude que o sujeito assume em relação ao próprio mundo interior e à própria vida privada, que é tecnicamente chamada de “atitude interna.”*<sup>3</sup> Essa alma que perpassa por tantos acontecimentos e é tocada por tudo que é numinoso e mágico, simultaneamente se depara com os dois lados de uma mesma moeda, *“é a serpente do paraíso do ser humano inofensivo, cheio de bons propósitos e intenções [...], pois a vida não é só o lado bom, é também o lado mau.”*<sup>4</sup> Contém a perspicácia de seduzir e de produzir mudanças e *“com sua astúcia e seu jogo de ilusões a alma seduz para a vida a inércia da matéria que não quer viver. Ela (a alma) convence-nos de coisas inacreditáveis para que a vida seja vivida.”*<sup>5</sup>

---

<sup>1</sup> Usada por Jung (e por psicólogos junguianos) em lugar de psique, sobretudo quando se deseja sublinhar um movimento na sua profundidade, enfatizando a pluralidade, a variedade e a impenetrabilidade da psique em contraste com qualquer padrão, ordem ou significado ali discerníveis (cf. SELF). Com referência à pluralidade, Jung descreve as culturas em que se fala de “almas múltiplas”. Disponível em: <http://www.salves.com.br/j-glossnz.htm>. Acesso em 26/08/2011.

<sup>2</sup> (JUNG, 2002, p.39).

<sup>3</sup> Dicionário Junguiano, 2002, p. 27.

<sup>4</sup> (JUNG, 2002, p. 37).

<sup>5</sup> (Idem, 2002, p. 36).

Na escola arquetípica<sup>6</sup>, a alma é considerada: “o aprofundamento que permite a um mero evento tornar-se uma experiência significativa.”<sup>7</sup> A alma não é efetivamente “dada, mas deve ser feita.”<sup>8</sup> Sendo assim, podemos mencionar:

A psicologia arquetípica fala de “psique” ou “alma” mantendo uma atitude de respeito para com o mistério da natureza humana, que nunca pode ser reduzida a uns poucos determinantes. A alma traz em si uma profunda associação com a vida e com a morte, que nos leva além das nossas histórias pessoais para nos ligar à intensidade do transpessoal. E não se trata de um transpessoal remoto, mas sempre presente; é o outro lado das coisas comuns.<sup>9</sup>

Conseqüentemente, o que realmente ocorre na dinâmica de um grupo cultural quando se é conquistado e assimilado por outro povo? Ao longo dessas linhas tentaremos compreender que passados mais de quinhentos anos clamamos por nossas raízes e como o percurso dessa história deixou cicatrizes e rastros que ainda se encontram abertos.

A própria narrativa inventada do descobrimento tão fantasiosa e inverídica, reforçada ainda, pelo que transparece nos documentos oficiais (Cartas Jesuíticas do século XVI), onde relatos enfatizam um ‘paraíso’ pronto a ser explorado e possuído, assim estabelecido na mente do europeu, cujas imagens e símbolos nativos não puderam ser expressos e vivenciados. Desse encontro com portugueses e índios - etnias com diferenças de especificidade sociocultural – inseridos num cenário de calor, natureza exuberante, sensualidade, nudez e pecado, funda-se a primeira manifestação de mutilação dessa alma – os sujeitos em seu percurso histórico estariam sem direito de ser até mesmo o que haviam sido.

Nossas raízes foram rejeitadas, pois nem almas possuíamos, segundo a doutrina cristã originária imposta, bem como similarmente, tem-se a impressão de que - quem aqui chega - tem direitos sobre nós cuja maioria ainda se sente, subjugado, submetido, rendido, desprovido. Essas condições ainda se fazem expressar em imagens empobrecidas, transmitidas para as novas gerações que assimilaram na consciência coletiva que os primeiros

---

<sup>6</sup> Escola cujo nome proeminente é o psicólogo e analista junguiano: James Hillman.

<sup>7</sup> (YOUNG-EISENDRATH, 2011, p. 57).

<sup>8</sup> (Idem, 2011, p. 185).

<sup>9</sup> (Ibidem, 2011, p. 296).

habitantes da nação brasileira são incorporados apenas como um grupo que teve uma pequena contribuição dentro dos moldes da cultura agrícola, nas artes de barro, fusão biológica, técnicas arquitetônicas simplistas, mas que diante dessa riqueza simbólica, não conseguimos alcançar o nível psicológico: nem na vivência, nem no valor cultural.

Para que haja uma reparação dessa consciência, há de se ter um resgate, ou melhor, dizendo, uma *Integração*, que na visão junguiana poderíamos conceituar como:

Grau de organização da personalidade, sendo a união solidária das diferentes partes psíquicas, entre si, razão pela qual se fala de interconexão entre conteúdos conscientes e inconscientes, entre partes femininas e masculinas da personalidade, e, portanto, entre elementos diversamente opostos entre si.<sup>10</sup>

Essa integração pode ser vista, como uma assimilação progressiva de toda história de um povo que aqui habitava cujos preceitos conceituais revelassem em seu percorrer a funcionalidade da psique e como tais conteúdos surgem e atuam de forma proeminente em nossas escolhas e condutas, até o presente momento. Assim, quando tais elementos não estão bem integrados envolvem a perda da identidade decorrente das pressões no cotidiano e nas incertezas e dúvidas humanas. Quando o homem foge da jornada da sua alma cai em estagnação que o distancia de si mesmo - como Jung gostava de citar. O inclinar junguiano narra de forma salutar o lado Sombra que nos acomete, e contextualiza com seus preceitos o perigoso limiar que há nessa separação, como a produção de uma sociedade que se distancia cada vez mais do seu conceito de identidade. Ainda assim, o ser humano é criativo – num imaginário coletivo cujas representações em boa parte são desalentadoras, nós ainda temos a capacidade de reconhecer por meio de uma linguagem simbólica, o que existe de iluminado no contingente humano na tentativa de seu resgate. Fazemos aqui, um esforço de entender como essa subjetividade é privada de seu destino com os rompimentos de suas verdadeiras e autênticas experiências arquetípicas, discorrendo sobre a importância dos primeiros habitantes desta maravilhosa terra.

---

<sup>10</sup> Dicionário Junguiano, 2002, p. 271.

## 2 SOBRE O INCONSCIENTE COLETIVO<sup>11</sup> DA ALMA BRASILEIRA

### 2.1 A Projeção do Estrangeiro Sobre Nosso Povo: “*Ad Majorem Dei Gloriam*”<sup>12</sup>

Nosso primeiro tema é justamente apontar para os primeiros contatos entre os índios nativos (gentios) e os homens brancos (portugueses e os jesuítas) no século XVI e como o pensamento e ações desses últimos pelo prisma psicológico influenciaram a sociedade brasileira servindo-se como já citamos dos pressupostos da Psicologia Analítica que tem o olhar sobre o coletivo na condição humana. Diante desta perspectiva, o quadro se depara com o drama vivido pelos indígenas e como fora o processo de conversão<sup>13</sup> apregoado pela doutrina do cristianismo.

Imaginem homens ávidos pela conquista de terras onde o ápice da ambição era ocupar e explorar domínios desconhecidos na tentativa de que o *Novo Mundo* cedo ou tarde estaria moldado ao *Mundo Europeu*, implicando aqui valores externos, sem olvidarmos das expressões inconscientes que o paraíso virgem e latente estaria prestes a oferecer. O primeiro sinal estava na própria nomeação dos habitantes: “*como os marinheiros sonhavam com a Índia, arriscando a vida num oceano cheio de monstros mitológicos e regido por poderes incontroláveis, chamaram de “índios” os primeiros homens que aqui encontraram.*”<sup>14</sup>

Portanto, para delinear a compreensão das tendências comportamentais precederemos a importante conceito conhecido como *Projeção*: definido como conteúdos inconscientes que tecem interferência na mente consciente de maneira que tudo que é desconhecido projeta-se de alguma forma sobre um objeto: “*todo conteúdo ativado no*

---

<sup>11</sup> “Este porém repousa por uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos de inconsciente coletivo. Eu optei pelo termo “coletivo” pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal [...] os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos.” (JUNG, 2002, p. 15).

<sup>12</sup> “Para maior Glória de Deus. Citação in: GAMBINI, 2000, p. 61.

<sup>13</sup> Converter: 1. transformar (-se); 2. (fazer): mudar de crença, ideologia, etc.; 3. Trocar (moeda de um país) pela de (outro); 4. fazer mudar a direção de. (Houaiss, Antônio. *Dicionário da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda., 2003, p. 132).

<sup>14</sup> GAMBINI, 2000, p. 41.

*inconsciente tem a tendência de aparecer em projeção” e “aparece como se não pertencesse ao sujeito.”*<sup>15</sup>

Assim sendo, esse termo indica um estranhamento segundo o qual o sujeito na relação com o objeto transfere e inclui no próprio objeto qualquer gênero de conteúdos que sejam fundamentalmente de sua pertinência.

Logo, se o homem branco acreditou em que seus conteúdos subjetivos eram reais, que tipo de percepção fez ele desse Outro? Eram desconhecidos, e conseqüentemente, campo apropriado para as mais sombrias fantasias que se espelhava diante de criaturas novas produzindo o que de oculto guardavam misteriosamente em si mesmos. Depara-se o estrangeiro invasor com um mecanismo intrínseco da psique humana, inevitável e involuntário, mas que cria manifestação uma proposta de isolamento na construção das relações. O outro é estranho, por conseguinte, diferente de mim.

O problema ético da projeção é um questionamento bem simples: o que vejo e critico é uma falha minha ou uma projeção minha? Difícil responder, pois no nível coletivo têm a ver com os problemas que causaram tantos males à humanidade como as guerras, conflitos por sede de domínios acarretando sérios prejuízos sociais. Olhando pelo prisma do individual serve para uma auto-reflexão, quando é feita, naturalmente. Mas, tal mecanismo que denominamos projeção só tem dois caminhos: aceita-se a mesma e se identifica com ela ou a recusa no todo ou em parte.

O estrangeiro aqui chegando já nomeara a terra de Vera Cruz cujo teor simbólico é bastante significativo. Na verdade, quem carregaria a cruz ficaria bem claro ao longo da história. GAMBINI (2000, p. 42) estudando as Cartas Jesuíticas salienta o seguinte trecho: “*o primeiro ato indicativo da conquista foi a implantação de um marco de pedra em Porto Seguro, com a cruz de Cristo de um lado, e de outro, as armas de Portugal.*”. Estava clara a representação desse ato: o sacrifício de um lado, e o domínio pela força do outro. Outra

---

<sup>15</sup> JUNG, 2004, p. 132.

manifestação latente seria a mania de colocar nomes (nomear) em rios, afluentes, baías e todo tipo de tipologia geográfica, pois se nomeia aquilo que se toma posse. Toda essa postura é própria da manifestação de um inconsciente, fonte apropriada para lançar um imaginário frente ao povo e lugar não conhecidos. O regime das Capitâneas (linhas imaginárias de nomeação, controle e posse) foi sem dúvida a primeira tentativa de aplicar impositivamente regime de posse à terra dos trópicos somando a isso, a chegada dos jesuítas – tendo como bagagem a moralidade e um modelo de comportamento – incluída uma ideologia religiosa estranha, mas que seria a mais sutil e letal arma para se projetar o lado escuro (a Sombra) do cristianismo.

A prática escravagista que estaria por vir é bem exposta numa das declarações de Dom João III em 1554:

Nas ditas terras e povoações do Brasil há algumas pessoas que têm navios e caravelões, e andam neles de umas capitâneas pãra outras e que, por todas as vias e maneiras que podem, salteiam e roubam os gentios, que estão de paz, e enganosamente os metem nos ditos navios e os levam a vender a seus inimigos e a outras partes, e que, por isso, os ditos gentios se alevantam e fazem guerras com os cristãos.<sup>16</sup>

Fica evidente a atitude inconsciente projetiva que faziam aos índios, pois o homem mau era sempre o outro, e não os pretensos senhores que priorizavam suas vontades sobre dois mundos com dois estilos de consciência totalmente opostos. Assim, protejam os índios do roubo ou da escravidão por outros estranhos, cuja ênfase para aquietar ainda mais os ditos ‘mansos’, convertam-lhes à religião e que os submetam, convencendo-os da nova ética, ao comportamento certo, à verdade absoluta incorporada na Lei Oficial cuja face horrenda seria aplicada a tudo que se apresentasse como contrário ao desejo desses senhores.

Implantar essa má consciência coletiva (de teor seriamente projetivo) seria introduzir regras para obediência, conversão e servilidade e só dessa forma, os nativos indígenas

---

16 Carta de Pe. Serafim Leite (Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil), Vol.I, p.6 apud GAMBINI, 2000, p.56.

encontrariam o caminho da salvação. Tal livramento teria lugar de sentido e aplicabilidade se os índios se sentissem culpados. Mas, culpados de quê?

## 2.2 A Sombra do Conquistador(A Projeção do inferno)

E continuando a nossa história, para os jesuítas, os brancos (portugueses) eram corruptos e sem possibilidade de domínio, parafraseando certo jesuíta (1553): “*El fructo que se poderia hacer entre los blancos ia es heco.*”<sup>17</sup> Então o grupo dos gentios seria mais facilmente subserviente, menos inflexível às novas regras da casa. Os conquistadores missionários só utilizavam de animalidade quando da manifestação de selvageria pelos nativos. O problema de adaptação era do índio – tal argumentação é absurda.

Uma das peculiaridades desses religiosos (jesuítas) e que chamamos atenção na vivência dessa relação seria compreender a atuação da *Projeção e Sombra* na auto-imagem dos jesuítas:

O conceito de Sombra que ocupa lugar vital na psicologia analítica entende que a Sombra projetada pela mente consciente do indivíduo contém os aspectos ocultos, reprimidos e negativos (ou nefandos) da sua personalidade. Mas essa Sombra não é apenas o simples inverso do ego consciente. Assim como o ego possui comportamentos desfavoráveis e destrutivos, a Sombra possui algumas boas qualidades – instintos normais e impulsos criativos. Na verdade, o ego e a Sombra, apesar de separados são tão indissolivelmente ligados um ao outro quanto o sentimento e o pensamento.<sup>18</sup>

Vivendo numa terra que só possuía o que a natureza podia oferecer – nada era produzido no Brasil, estavam em terras desconhecidas e os materiais necessários (azeite, vinho, vinagre e outros) eram por cartas solicitados:

---

<sup>17</sup> “O fruto que se poderia fazer entre os brancos já estava feito.” (idem, 2000, p. 64)

<sup>18</sup> JUNG, 2008, pp. 152-154.

Os jesuítas precisavam trazer na bagagem, ao lado da sua visão de mundo particular, todos os itens necessários ao culto. Como muitos eram peregrinos, as encomendas de reposição logo se tornam um tópico constante, ao lado dos relatórios de progresso, reclamação e pedidos de orientação.<sup>19</sup>

As ferramentas de trabalho (peças religiosas utilizadas nas missas e imagens sacras) dos jesuítas encantavam os índios e aqui podemos falar um pouco da importância do Símbolo (cada peça do ritual católico era motivo de deslumbramento para os nativos - não pelo seu teor implicitamente religioso – mas pelo o que as peças ritualísticas promoviam na imaginação). Explicando de forma mais detalhada podemos afirmar que os símbolos são imagens do inconsciente que atuam de forma criativa nas suas realizações. E que tal qual a consciência humana sempre começa similarmente como uma linguagem simbólica:

Assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem tem um aspecto inconsciente mais amplo, que nunca é precisamente definido ou inteiramente explicado. Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a idéias que estão fora do alcance da razão [...] Por existirem inúmeras coisas fora do alcance da compreensão humana é que frequentemente utilizamos termos simbólicos como representação de conceitos que não podemos definir ou compreender integralmente. Esta é uma das razões por que todas as religiões empregam uma linguagem simbólica e se exprimem através das imagens.<sup>20</sup>

Projetavam sobre os objetos os conteúdos inconscientes e que serviam para atração da prática dos exercícios espirituais e meditação. Os mandamentos do céu ecoavam sobre a sensibilidade dos índios e “*se no vivieren christicamente, que los castigará mucho nuestro Señor.*”<sup>21</sup> Ficamos a imaginar também, indivíduos que em solo pátrio corriam, pulavam, dançavam, deslizavam pela mata, meditando como estátuas em estado de concentração:

O objetivo prático era atingir um estado de oração contínua, que deveria tornar-se o estado diário normal da pessoa. Para tanto, aplicavam-se várias técnicas de respiração (ioga ocidental) e oração, como manter os olhos fechados, fixar um ponto, pronunciar a primeira palavra do Pai-Nosso, alongar os sons das vogais e aguardar suas reverberações místicas. Podia-se assim atravessar horas até chegar ao Amém.<sup>22</sup>

---

<sup>19</sup> GAMBINI, 2000, p. 66.

<sup>20</sup> JUNG, 2008, p. 19.

<sup>21</sup> Trecho de uma das cartas do Frei Vicente Rodrigues (maio de 1552, § 2, apud GAMBINI, 2000, p. 85).  
<sup>22</sup> GAMBINI, 2000, p. 73.



O “*deitado em berço esplêndido, ao som do mar e à luz do céu profundo*”<sup>23</sup> faz lembrar alguma coisa. Imaginemos a cena: seres com a natureza enriquecida de movimentos, estáticos como monges - dantesco, para não dizer cômico. Forçar os índios a imaginar o inferno com todos os detalhes como treinamento para a purificação, declara que a atitude psicológica dos jesuítas era equivalente a forçar as emoções (sentimentos e sensações) a não se manifestarem: era o tão famoso medo das tentações. Só sentimos medo ou angústia sobre algo que nos inclinamos a fazer e para não acontecer dobramos o desejo, o espírito, submetendo a própria imaginação. O paraíso terreno repleto de Adão e Eva era o cenário ideal para visualizar com muitos detalhes o inconsciente. A *Imaginação Ativa*, segundo Jung, entraria em ação para extrair os mais diversos conteúdos inconscientes, uma vez visíveis como acontecia com o cenário confrontando-se com esse convite à imaginação:

A Imaginação Ativa significa, como diz a expressão, que as imagens têm vida própria e que os eventos simbólicos se desenvolvem [...] a razão consciente não interfere [...] Se nos concentrarmos sobre uma imagem interior e cuidamos de não interromper o desenrolar natural dos eventos, nosso inconsciente produzirá uma série de imagens que formarão uma história completa.<sup>24</sup>

Os pajés (chefes indígenas) seriam considerados figuras necessárias à eliminação: mentirosos, enganadores, feiticeiros, atizadores de demônios e obstáculos vivos da ação missionária. Não admitiram seu grau de integração cultural, nem mesmo a importância de sua função social na tribo como guias ou orientadores: “*os pajés, de fato, estavam para os índios mais ou menos como os jesuítas estavam para os portugueses.*”<sup>25</sup> Na verdade, ocupavam o lugar de voz da resistência, sendo alvo preferencial de extinção. Portanto, não importava aos doutrinadores a vida ou a morte dos gentios, o importante era que morressem cristãos.

A personalidade reprimida, terreno como já sabemos fértil à projeção seria uma eterna batalha entre a redução do símbolo vivo em luta com os preceitos religiosos, recusando a realidade física dos diabólicos nativos. A adaptação pelos jesuítas no ambiente do paraíso

---

<sup>23</sup> Trecho do Hino Nacional Brasileiro. Escrito por Joaquim Osório Duque Estrada (1870 – 1927) e a música é de Francisco Manuel da Silva (1795-1865). Tornou-se oficial no dia 1 de setembro de 1971, através da lei nº 5700. HINO NACIONAL. Disponível em: [http://www.suapesquisa.com/religiosociais/hino\\_nacional\\_brasileiro.htm](http://www.suapesquisa.com/religiosociais/hino_nacional_brasileiro.htm). Acesso em 11/03/2010.

<sup>24</sup> JUNG, 1944, p. 62 apud Dicionário Junguiano, 2006, p. 236.

<sup>25</sup> GAMBINI, 2000, p. 126.

levava-os à direção de uma projeção mortal: a indiferença psicológica diante de sua Sombra. Os ditos educadores dos ignorantes desta terra negavam a realidade de seus sentidos e a de todos que os rodeavam, evitando tudo que fosse demasiadamente humano, pois os conteúdos eram pecaminosos e os perigos espirituais e carnis sopravam em toda parte.

### 2.3 A Imagem do Homem Primitivo Pelos Jesuítas

O homem natural ou primitivo como idéia arquetípica é uma realidade, pois “o arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta.”<sup>26</sup> E podemos ainda complementar: “que o homem primitivo não se interessa pelas explicações objetivas do óbvio, mas, por outro lado, tem uma necessidade imperativa, ou melhor, a sua alma inconsciente é impelida irresistivelmente a assimilar toda experiência externa sensorial a acontecimentos anímicos.”<sup>27</sup>

A perspectiva destrutiva pelos colonizadores serviria de baluarte como prova de sua diferença e superioridade. O ‘barro’ da terra precisava ser moldado e isso era uma questão central. Não seria estranho que entre os índios houvesse a idéia mitológica da chegada de um salvador similar a outras civilizações (incas e astecas). Incorporada ao assombro das atividades do homem estranho, somando-se a curiosidade e a expectativa com conteúdo místico, inconscientes do trágico destino. Abertas estavam às portas para o início do seqüestro da alma de um povo. Destino: imitar o homem branco, aculturar-se, extinguir-se.

Converter-se como vimos, é ir à outra direção, sendo apropriadamente por escolha consciente. Imposta, porém, é se perder no caminho e estar em lugar escuro, iniciando a prática do preconceito sobre o corpo e a toda sensualidade. A vida proibitiva dos jesuítas,

---

<sup>26</sup> JUNG, 2008, p.17.

<sup>27</sup> Idem, 2008, p.17.

segundo as normas religiosas estava sendo transferida para a vida dos nativos (desejos reprimidos e encapsulados) cuja estrutura da vivência coletiva desses últimos promovia profunda confusão como a velocidade de uma flecha.

Estando então de encontro à condição proposta conceitualmente do *Self* que é justamente a possibilidade de realização na expressão livre e autêntica. *Self* é entendido como o processo de unidade e integração, o centro da personalidade: a totalidade do inconsciente e consciente. Dele emana todo o potencial energético que a psique dispõe, sendo assim, o centro organizador do sistema resultando em unidade, equilíbrio e estabilidade à personalidade. Similarmente aos outros arquétipos atuam no comportamento e colocam em movimento a busca do processo de integração (autoconhecimento). Na sua autobiografia<sup>28</sup> há a seguinte citação:

Portanto o *Self*, fundamento da Psicologia Analítica, não é uma idéia nascida de uma reflexão, mas apresentou-se primeiro a Jung como uma realidade vivida – aliás, inesperada – que o sustentou e o ajudou a colocar em ordem os elementos surgidos durante suas provações. Dispondo a ser ao mesmo tempo sujeito e objeto da experiência, ele chegou a vivência do *Self*.

Nessa busca, quem era livre e quem se auto-aprisionava na relação dessas duas etnias? Fácil observar que a atitude psicológica era agravante: o que se pensar de um povo que bailava, bebia e cantava dionisicamente e que afirmavam que tais práticas haviam diminuídas com a presença dos religiosos. O canto, a dança e a sexualidade como prática cultural não eram bem vistas – a suprema natureza e tudo a que lhe pertencia era negada.

Esqueciam que a vida tribal estava muita mais bem representada na questão de comunidade: as atividades eram feitas em conjunto em prol de todos, o que permite observar que existia um mundo interior entre eles, não considerado pelo ego inflado que se julga abrangente, sem levar em conta que as práticas de qualquer tribo têm um significado religioso ou cultural. Seus hábitos estavam impregnados de simbolismo (mitos vivos) com sentido ritualístico nas mínimas atividades, e embora houvesse entre eles discórdia ou lutas a função

---

<sup>28</sup> JUNG, 1961, p. 18.

não apresentava conotações cristãs. Os jesuítas constelavam muito bem a representação arquetípica da Mãe Negativa (aquela que devora, a que destrói, a que impede o crescimento e a compreensão da jornada).

O proveito econômico, o desmatamento, a imposição do uso das vestimentas e moralidade, a apropriação das riquezas como postulados da exploração que perduraria longo tempo são produtos que se os jesuítas reconhecessem a própria Sombra teriam a necessária reflexão sobre si mesma e sobre o outro.

Há um fato interessante que devemos salientar entre os índios e que também não foi considerado pelos jesuítas: a relação do índio com seus inimigos pátrios - o índio com seu inimigo índio. Era salutar conquistar um cativo que ficava a trabalhar e não seria devolvido a sua tribo de origem, pois não seria aceito. No entanto, convencidos de vender seus inimigos como escravos aos portugueses haveria o espanto indígena pelos maus tratos destinados aos ex-prisioneiros, e desse espanto preferiam escondê-los no mato. A visão social do que é ter ou ser inimigo é bastante dissociada do conceitual do homem dito civilizado. Na direção desta idéia, observemos a narrativa até que chegasse o dia do seu sacrifício:

De início, o inimigo dominado era agredido verbal e fisicamente, mas logo em seguida passava a ser bem tratado e adquiria a aparência de um membro da tribo que o capturou [...] Um cativo já não se pertencia mais e era gradualmente assimilado pelo captor, que se tornava responsável por ele sob todos os aspectos, devendo alimentá-lo e lhe oferecendo filha ou mulher da família como esposa temporária.<sup>29</sup>

Mesmo que os levassem à morte, a convivência era respeitosa tendo em vista as regras coletivas, sendo um tratamento bem diferenciado dos homens que diziam conhecer a Deus e que não pertenciam à falange do Mal. A psicologia indígena é bem diferente da psicologia civilizada: havia uma séria dicotomia entre salvação e perdição, entre as noções de bem ou mal. Na verdade as manifestações na Projeção e na Sombra quando não compreendidas, são atribuídas a outro responsável (o diabo), sendo difícil admitir que a

---

<sup>29</sup> GAMBINI, 2000, p. 113.

imaginação nomeada como diabólica contivesse uma verdade, uma realidade pronta a ser trabalhada.

#### **2.4 As índias e o feminino ausente: a relação da Anima e o Animus**

Poderíamos entender os conceitos da Anima-Animus como termos latinos pertencentes a uma individualidade respectivamente masculina ou feminina introduzido por Jung. São os opostos que descende do princípio de complementaridade no qual a psique se move. A Anima sendo feminina é a figura que compensa a consciência masculina. Na mulher, a figura compensadora é de caráter masculino e pode ser designada de Animus.

Esse elemento feminino que há em todo homem que chamei de Anima é essencialmente uma maneira secundária que o homem tem de se relacionar com o seu ambiente e sobretudo com as mulheres, e que ele esconde tanto das outras pessoas quanto de si mesmo. Em outras palavras, apesar da personalidade visível do indivíduo parecer normal, ele poderá estar escondendo dos outros – e dele próprio – a deplorável condição da sua “mulher interior.”<sup>30</sup>

Assim, a Anima seria colocada à prova: tudo que não era permitido em Portugal seria admitido/praticado pelos colonos desacompanhados na vil impressão paradisíaca que deixava aflorar todo o imaginário em contraste com os limites do mundo europeu na prática do corpo e do desejo. Como cita GAMBINI, 2000, p. 133: *“Em contraste com as mulheres devotas, submissas e contidas que conheciam, os conquistadores encontrara no Brasil algo novo e diferente: mulheres a seus olhos amorais, sedutoras e acima de tudo disponíveis e nuas...”*. O aspecto feminino ocupa lugar de aventura, novidade, posse, descoberta, abundância. A libido represada dos portugueses seria extravasada nas terras infernais servindo-se nas pinturas, artes, negócios e é a índia nua o prêmio a homens audazes e ditos corajosos. A Anima não assumiria o aspecto positivo e sim seu lado ambíguo no processo do contato, pois estaria aceito quando proporcionasse lucro. Só depois de alguns anos é que se manteria a relação esposa/prostituta.

---

30 JUNG, 2008, p. 31.

O Princípio Feminino das índias estaria negado, pois a imagem simbólica das mulheres indígenas estava como não poderia deixar de ser, apontado no reino das trevas. Além disso, nas Cartas Jesuíticas, sabe-se que Inácio de Loyola (1491-1556) desistiu de aplicar os exercícios espirituais nas mulheres, pois “*caiam em estado de possessão histérica [..] nunca mais em sua vida ousou repetir a experiência com mulheres, o que sugere uma convicção de que o desenvolvimento espiritual era assunto de homens.*”. Nesta mesma obra, há também a observação que em Olinda, abriram uma casa para meninas índias, “*onde se confessavam regularmente e sabiam muito bem como acusar-se.*”.<sup>31</sup> Reforça-se como narramos que os jesuítas não puderam trazer a Anima consigo, pois não tinham ou evitavam contato com esse fator psíquico, mas isso não significa que tal arquétipo tenha desaparecido: estava só oculto e promovendo todo tipo de projeção, desfilando na mente como um santo temor.

No fundo, os jesuítas queriam que as índias sumissem do mapa e solicitaram prostitutas brancas de Portugal, alegando que o pecado vigente só seria evitado “*después que acá uviere tantas mugeres que las no quieran.*”.<sup>32</sup> Essa relação comportamental dos religiosos com a imagem feminina da Terra de Vera Cruz embuída de defesas e supressão psicológica (a Anima não aceita e não integrada) leva o próprio Nóbrega a ter vários desequilíbrios de ordem emocional, caindo por terra seus ideais de vida, mergulhando em sua Sombra sem ‘olhar’ o aspecto luminoso do arquétipo.<sup>33</sup>

Na Anima, a figura da mulher índia como o mito Eva seria então desmitificada servindo de luxúria em contradição com o próprio mito ativado na psique. Isto é, somente o português estaria no paraíso, só ele poderia pecar sem que houvesse a real compreensão dos seus atos. A alma brasileira nasce então de uma projeção com duplo sentido: o território brasileiro como um paraíso pronto a ser explorado – um bem maior e a dos índios como filhos demoníacos: a encarnação do mal, pois desconheciam a revelação divina. O Adão índio deveria ser disciplinado e a Eva nativa, objeto gratuito de desejo: “*Adão corta pau-brasil e*

<sup>31</sup> Carta de Nóbrega aos padres e irmãos de Coimbra, Pernambuco, 13/09/1551, §4. (GAMBINI, 2000, pp. 133 e 145, respectivamente).

<sup>32</sup> “Depois que para cá vierem tantas mulheres que não as queiram”. Carta de Nóbrega a Simão Rodrigues, São Vicente, 12/02/1553, §4, apud idem, 2000, p.143.

<sup>33</sup> As Cartas, evidentemente, não aludem a esses prováveis aspectos da vida interior dos Jesuítas, mas há vários relatos de automortificação e “disciplina”.

*Eva, por via de estupro, sedução ou mesmo entrega voluntária, é apropriada como mulher.*”<sup>34</sup> A posse do corpo feminino era desejo cego e nem se pensava na possibilidade de que essa mulher nativa poderia manifestar uma projeção positiva sobre o homem branco tão diferente de tudo que já havia visto, como sentir atração, por exemplo. Não poderia imaginar as mulheres nativas o preço que pagaria por esse arriscado encontro. Esse tema arquetípico é recorrente em vários descobrimentos fortemente avivado em épocas com o acontecer de conquistas territoriais nas mais diferentes culturas.

### **3..SUA HISTÓRIA E SEU RESGATE – UMA VISÃO ARQUETÍPICA**

#### **3.1 A Identidade Cultural**

O que mantém vivo um grupo cultural, segundo os estudiosos? A resposta vem diante de sua cultura<sup>35</sup>, sua mitologia, a identidade em ser exatamente o que se é! Os mitos não estão apenas nos livros, nos contos, nas fábulas; eles se encontram nas manifestações vivas do mundo invisível e encarnam nos bares, nas ruas, contidos no caminho perpassado por um povo. Nossa célula primeira é fruto do primeiro português que se acasalou com uma índia gerando-nos como sociedade. São esses os pais do povo brasileiro. E o que acontece com a dinâmica relacional desse par arquetípico? Um drama. Os filhos desse encontro poderiam até admirar a figura paterna e quererem se espelhar, no entanto, verificamos que:

Em regressando esse pai a Portugal, o curumim seria um apátrida na própria terra paterna, não podendo ocupar posição alguma nos escalões sociais reservados para os filhos de alguém, exceto o lugar de condenado ao ostracismo existencial. (GAMBINI, 2000, p.170).

Difícil era a identificação com a mãe, pois essa não pertencia a família portuguesa e também não era mais índia, não fazia parte mais da sua tribo devido ao acasalamento com o

---

<sup>34</sup> Ibidem, 2000, p. 166.

<sup>35</sup> Cultura *s.f.* 1. cultivo 2. criação de certos animais 3. conjunto de crenças, costumes, atividades, etc. de um grupo social; civilização 4. Conhecimento, instrução. (Houaiss, Antônio. *Dicionário da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda., 2003, p. 140).

homem branco. Assim, “*as mulheres batizadas perderam o vínculo tribal e não puderam cumprir sua missão de transmissoras da língua, da religião, das narrativas míticas...*”.<sup>36</sup> Os *curumins-ninguéns*<sup>37</sup> teriam uma jornada difícil, pois o patrimônio familiar havia perdido seu elo, sua mitologia destruída, não preservada, levando à extinção dessa dimensão histórica. A Grande Mãe se perdera e aos seus filhos fora ensinado uma pedagogia estranha no esquecimento da sua origem e da sua real condição de existência. No percurso da história da colonização brasileira, os índios deixaram de querer se domesticar e fugiram para o lar de origem, quando aqui chegaram nossos irmãos negros, reinventando uma jornada de viver com vontade de (re)descobrir um profundo questionamento: a quem nós pertencemos e qual lugar é o nosso. Por mais que o trabalho dito cristão tenha registrado em algum momento “boas intenções” em nome de uma civilidade, projetado foi seu lado em potencial de eliminação.

E dessa carga projetiva, o Inconsciente Coletivo se faz representar, desde a imaginação de um paraíso ao inferno dionísíaco (até hoje temos esta idéia mantida no Brasil). Tal dualidade se retrata nos dias atuais, cujo povo se sente herdeiro de algo, mas não sabe ainda de quê. Resta-nos como herança os nossos índios ditos aculturados com pouquíssima representatividade social, marginalizados e renegados, numa situação de rendição do *Self* ao ego, numa prova nítida de subjugação: submeter, domesticar, dominar. Fomos tão mal vistos no nascedouro, que a citação de Manuel da Nóbrega chefe da primeira missão jesuítica à América informou em uma das suas cartas aos superiores na ação jesuítica no século XVI: “*Oh, quantos cálices de amargura de angústia bebia a minha alma sempre*”, e que não conseguia digerir “*as fezes desse cálice*”.<sup>38</sup> Mostravam-se como salvadores convencidos de serem cristos personificados diante de um povo pecador, sujo e animalesco.

Desse encontro da Anima e do Animus vividos com os portugueses e as índias surge apenas uma mistura física, corporal e biológica e não um encontro promissor de raças. A maior prova disso está no que sobrou da imagem arquetípica do índio em nosso país. A figura do português ficou como marca maior, dentre alguns aspectos, o idioma que sobreveio. E

---

<sup>36</sup> Idem, 2000, p. 170.

<sup>37</sup> Nomeação de Roberto Gambini. in GAMBINI, 2000, p. 171.

<sup>38</sup> GAMBINI, 2000, p.80.



mesmo quando olhamos os mitos utilizados no folclore brasileiro encontramos nesses representantes do imaginário, figuras que expressam deformações como o Curupira que tem os pés tornados ao avesso, ou seja, voltados para trás, guardião das florestas que ameaça quem as destroem e em Pernambuco “*é representado com um só pé*”.<sup>39</sup> Os mutilados a exemplo do Saci-pererê que seria “*o indiozinho manco, com um barrete vermelho na cabeça e uma ferida em cada joelho; mais comumente é um menino de uma perna só, com um barrete e o cachimbo na boca*”.<sup>40</sup> E ainda se menciona que em relação a essa figura que “*parece que o gorro vermelho do Saci provém das populações carapuças vermelhas dos marujos portugueses no século do descobrimento. Em 1500, os tupiniquins recebiam os barretes vermelhos; na carta de Pero Vaz de Caminha há referências ao fato.*”.<sup>41</sup>

Em uma das suas obras, Carl Jung menciona: “*Assim, a carapuça é a alusão aos poderes sobrenaturais. Também nos aparatos católicos o solidéu vermelho é usado pelos cardeais como símbolo do poder divino [...] a quem se atribuía poder mágico*”.<sup>42</sup> Comenta J. O de Meira Penna em seu livro sobre psicologia coletiva que “*segundo Jung, sendo o órgão mais próximo da terra, a perna não é símbolo meramente sexual, mas nos sonhos, representa a relação com a realidade telúrica e possui frequentemente, um significado genésico, da energia criadora da psique*”.<sup>43</sup>

No nosso país essa figura está muito ligada ao sobrenatural de maneira leviana contido num forte misticismo. Trazendo outras analogias, a figura do Saci que também está ligada ao fumo é mencionada por Câmara Cascudo: “*O uso do fumo pelo Saci é que é bem brasileiro, pois no Brasil o indígena ensinou o colono a fumar.*”.<sup>44</sup>

Portanto, as citadas figuras mitológicas, a exemplo dos Curupiras são lembradas como personagens que por onde passam “*faz os viajantes perderem suas direções*”.<sup>45</sup> Os Sacis lhes

---

<sup>39</sup> BRIZA, 2006, p.126.

<sup>40</sup> Idem, 2006, p.129.

<sup>41</sup> GAMBINI, 2006, p.130.

<sup>42</sup> JUNG, 1986, p.115.

<sup>43</sup> PENNA, 1999, p. 368.

<sup>44</sup> CASCUDO, L. C. Dicionário do Folclore Brasileiro apud BRIZA, 2006, p. 134.

<sup>45</sup> BRIZA, 2006, p. 138.

faltam uma das pernas - seria a possível condição na dificuldade de se conduzir? E sem esquecermos da Mula-sem-Cabeça: assim descrita, onde estaria nossa consciência, nossa visão? “A cabeça é representada como símbolo do Self, constituindo a base de todos os enigmas da Anima.”<sup>46</sup> Ao longo do encontro de índios com os portugueses foi justamente isso que aconteceu. Perdemos a direção, fomos mutilados, e não nos apropriamos dessa perda imensa. Tais figuras no Inconsciente Coletivo são bem representadas (e nem nos apercebemos de como essas imagens nos falam) e atuam com conteúdos de incompletude e negação. Quanto à representação da mula, ela aparece em várias narrativas, tal o peso que tem esse símbolo:

Cristo fez sua entrada triunfal em Jerusalém montado nesse animal. Também Maria e José fugiram das perseguições de Herodes para o Egito na mesma. Vista desse ângulo, a jumenta, ou mula, significa a verdadeira humildade, a simplicidade, a paciência e coragem, qualidade dos sábios que têm cabeça e consciência. É a atitude que deveríamos ter diante da nossa vida pessoal e coletiva.<sup>47</sup>

Sem se esquecer da figura do Macunaíma que procura facilidades nas diferentes situações caracterizando tal figura como não afeito ao pensamento: “*não tem tempo, nem vocação, nem gosto para pensar. Pensar cansa. “Ai que preguiça!”*, exclama o Macunaíma já pequeno [...] Mário de Andrade bem escolheu como protótipo do herói nacional.”<sup>48</sup> Difícil é entender o que promoveu a manutenção de toda essa história como configuração psicológica:

O ser humano, em qualquer época, tem os dois lados como possibilidade latente: o canalha e o homem bom [...] Mas por que um prevalece sobre o outro, individual ou coletivamente? Tem que haver uma causa ou razões para isso. Quando é num indivíduo, fica mais fácil achar a causa, mas quando é um país inteiro é complicado saber o que foi que engendrou essa situação. Quer dizer, engendrou, cristalizou e estabeleceu.<sup>49</sup>

---

<sup>46</sup> Idem, 2006, p. 142.

<sup>47</sup> BRIZA, 2006, p. 143.

<sup>48</sup> PENNA, 1999, p. 366.

<sup>49</sup> GAMBINI, 1999, P. 152.

Então, o que dizer de um povo que passados tantos séculos desse encontro atrelado a manifestações de domínio, nascidos em território repleto de riquezas e recursos naturais não se dá ao trabalho de conhecer sua verdadeira história e preservá-la em sua consciência? Esse questionamento não deve ser visto apenas em nível mental, mas na dinâmica vivencial de uma nação que pode e deve ter a coragem de mostrar sua verdadeira face. A nossa identidade deve ser mantida já que teimamos justamente em ficar presos entre aquela velha cruz e a velha espada mostradas aos índios há séculos atrás e que foram cravadas na alma brasileira que impede ao *ego-Self*, uma percepção maior de nós mesmos. Portanto, continuamos atrelados a uma história paralítica e mal contada desde seu dito “descobrimento” ao refletir sobre a situação de nação. Por que escolhemos o lado escuro diante de um país que tem condições de ser moderno e potente? O que foi então ensinado à criança índia brasileira no seu nascedouro: ‘esqueça quem você é!’ evidenciando ao longo do tempo a urgência de caminharmos na direção de sabermos quem realmente somos. Jung adverte essa situação quando comenta:

Mal o inconsciente nos toca e já somos, na medida em que nos tornamos inconscientes de nós mesmos. Este é o perigo originário que o homem primitivo conhece instintivamente, por estar ainda tão próxima desse pleroma, e que é objeto de seu pavor. Sua consciência ainda é insegura, e se sustenta sob pés vacilantes. Ele é ainda infantil, recém saído das águas primordiais. Uma onda inconsciente pode facilmente arrebatá-lo e ele se esquecer de quem era, fazendo coisas nas quais não se reconhece. [...] São esses muros erigidos desde os primórdios que se tornaram mais tarde os fundamentos da Igreja (JUNG, 2002, p. 32).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história dos índios assim vista como subhumanos deveria ser apagada para jamais retornar. Como então ficaria o plano inconsciente dessa relação que promovia sofrimento material e psicológico? Do produto dessa história não nos libertamos das projeções negativas advindas de um passado rebuscado de brumas. Da *Sombra* que ainda permeia nossa vida coletiva, sobretudo de natureza política e religiosa (dois pontos fortes no descobrimento). No primeiro caso, perdura o interesse pelo fascínio ao poder revestido de malícia, do pouco caso como se apresentam os aspectos psicológicos que promovem os sujeitos contraditórios de

colarinhos brancos, na presença imitatória dos picaretas, das cuecas cheias de cédulas, das promessas nunca cumpridas, da falência dos projetos mirabolantes, do golpismo ideológico, da esperteza moral diante de cidadãos que aceitam as mentiras, a sugestão e o cinismo de muitos que se dizem comprometidos com o povo.

No entanto, há o outro oposto, cujos verdadeiros heróis são ainda anônimos e silenciosos, sem vez e sem escuta, pois preferimos e damos maior importância aos títulos, ao falatório demagógico revestido de vulgar retórica: “*somos o país do bate-papo [...] Tantas carreiras há em nosso país que foram feitas com uma boa conversa!*”.<sup>50</sup> Temos pavor em reconhecer o que é valoroso, histórico e demasiadamente verdadeiro. Não foi à toa que Claude Lévi Strauss intitulou sua famosa obra, que retrata o Brasil, como *Tristes Tropiques* (1955).<sup>51</sup> O que haveria de tão triste nessa linda e vasta terra? Há de se ler essa obra para ir a fundo.

Parecemos um povo hipnotizado por discursos frágeis e vazios possuidores de uma Carta Magna repleta de emendas cuja prática ignora a Lei e as leis numa dança que oprime e aliena os indivíduos no que lhe concerne como nação. Tudo é possível num país que se intitula “em desenvolvimento”. Sentença que escutamos há décadas, sem sair desse *status quo* (estamos sentenciados a esse lugar?). Preferimos, escolhemos e votamos nos influentes que propagam as opiniões deturpadas, nas idéias enfermas que contaminam as massas e perturbam o bem-estar social no nível do inconsciente coletivo.

Como mecanismo de defesa, usamos a projeção. Transferimos a culpa para o objeto mais próximo (o governo, o câmbio, os preços, a globalização, o bode expiatório seja ele quem for) para fugirmos da angústia. Que em certo ponto, é até ‘terapêutico’. No entanto, não queremos carregar a responsabilidade que cada um traz dentro de si (é doloroso o reconhecer da Sombra). O confrontar-se com os questionamentos internos, com as escolhas e as decisões

---

<sup>50</sup> PENNA, 1999, p. 352.

<sup>51</sup> A esse respeito ver “Tristes Trópicos” de Claude Lévi-Strauss (1908-2009): antropólogo, professor e filósofo francês.

requerem heroísmo. Dá preguiça mudar (o Macunaíma de cada um). Falseando nossos passos (nosso Curupira), melhor ser perneta, viver sem cabeça.

Outro tópico importante foi o aspecto religioso como conduzido nos seus primórdios. Sem dúvida mortífera arma diante de um povo desarmado. Imposta uma ideologia que ficava nitidamente claro quem carregava a cruz dos sacrifícios, do medo e do destino incerto. Ausente é a condição de *alter* (em latim) que deriva a palavra “alteridade”: relação que leva em conta o outro, e não apenas o eu. De uma imago parental devoradora ficam as manifestações de uma nação que ainda dorme em berço esplêndido, e o que faz essa criança, quase adolescente nação (re)descobrir seu papel, função e riqueza na sua dimensão fenomenológica será trazer à consciência, as manifestações inconscientes. A religião quando verdadeira não quer pessoas obedientes e sim autênticas, sem divisão, sem mutilação. E sendo verdadeira não pede a perfeição, mas solicita a cada indivíduo que tenha condições de saber quem é, o que faz consigo e com os outros. Só assim, se verá diante do espelho da sua verdadeira potencialidade, perpassando um caminho que requer rituais de passagem para desenvolver seu ego frágil, e (re)apropriar-se do que verdadeiramente essa nação pode ser. Eis aqui o confronto da Sombra com a luz que sempre trazemos conosco, refletindo que em todos esses séculos que perpassam nossa história somos capazes de olhar nossas raízes sem temê-las, dando a essa identidade multicolorida o papel e a consciência que requer ampliação e autenticidade.

É tempo de se pensar porque não fazemos questão de guardar e repassar nossas memórias. O que existem nelas que fazemos questão de não reconhecer, não integrar. Só queremos o que é novo, o que surge na moda e de preferência o importado. É nítido o descaso com que tratamos nosso patrimônio histórico, nossas praças, rios e afluentes. Nem queremos nos aperceber que tal riqueza imensurável será repassada para filhos e demais descendentes. Até quando tantas repressões existirão que ainda transmitimos nas canções tristes e submissas que “*o cravo brigou com a rosa, o boi tem a cara preta, pega menino que tem medo de careta...*”.<sup>52</sup> E o povo curumim ainda tem medo de quem faz cara feia para eles!

---

<sup>52</sup> Trechos de canções populares.

O que temos de resgatar é justamente aproveitar a riqueza contida no cerne da transformação em que se reveste o lado positivo da *Sombra* em nosso povo. Como dantes mencionado, não esquecermos nossa memória: quem não tem história, não tem identidade. Fazer lançar em atitudes inovadoras o amor que o índio tem pela natureza: cuidarmos das nossas ocas, das nossas crianças, respeitar e fazer de um tesouro, as experiências trazidas dos mais velhos. Amor incondicional pela mãe natureza (movimentos ecológicos e de defesas ao meio ambiente). Dar condições igualitárias ao grupo social: de saúde, educação e segurança. Fazer valer a lei, os rituais e os costumes, oferecendo a liberdade de expressão, respeitando o tempo de cada um. Sem perder o bom humor, a alegria genuína e o espírito de criatividade que herdamos desses nossos ancestrais.

Estamos em tempo de mudanças cujo olhar recai sobre nossos verdadeiros heróis (os que estudam e trabalham para melhorar esse país): do camponês ao pescador, do psicólogo ao doutor. Quer maior heroísmo que sobreviver com o nosso salário mínimo? É o milagre brasileiro. Importante lembrar que a mãe terra é generosa, extensa e abundante. E muitas mães têm histórias importantes neste país: a mãe negra que gerou e nutriu filhos dos que lhes exploraram, e ainda, a mãe índia que não dá as costas a quem de alimento precisa. Sendo assim, a história revela o caráter das boas raízes maternas que aparecem no livro deste imenso país. Não resgatar o que há de sagrado nessa alma nacional é enterrar nas profundezas da psique o valor imensurável do espírito humano. Temos mais que ter orgulho dessa história, sem deixar que nossos complexos destruam a nossa liberdade de escolha.

Há de se compreender que historicamente falando, temos nossa parcela de responsabilidade e não apenas as situações de caráter adaptativo e de vitimização. Nenhum processo histórico se mostra revestido de uma polaridade apenas. Existem os opostos, e ao longo desse percurso, cabe-nos refletir sobre nossas escolhas. Nós vivenciamos uma colonização arbitrária, no entanto, repousa sobre esse povo o poder de trazer mudanças sobre a imagem de uma realidade ao longo de mais de quinhentos anos. Nesse inconsciente há uma potência que procura incessantemente expressão e criatividade. Não é à toa que esse imenso país tenha a forma de coração. Aberto para as fronteiras de etnias, como assim nos mostra o corpo da sua história de raças. Aqui, as cores se misturaram e desabrocharam em experiências que formaram a gente brasileira: de genética rica e diversificada com múltiplos sons, cores e

crenças. O brasileiro não tem a marca da especialização. Ele é acima de tudo, intuitivo. Tem fala poética, brinca com o racional e o onírico, e conseqüentemente apresenta forte valor espiritual. Por isso, o nosso tropeçado percurso, por si só, não pode ser encarado como um mal sem remédio, pois essas experiências também trazem a riqueza das verdadeiras e necessárias escolhas em nível individual e coletivo

Já dizia Jung que cada avanço, mesmo o menor, através deste caminho de realização consciente, acrescenta muito para o mundo. E na riqueza da miscigenação é possível que nessa jornada possamos ser como o alquimista (descubra a cura dos males) sem perder o encanto de sempre se encantar com o mito Brasil.

## REFERÊNCIAS

**DICIONÁRIO JUNGUIANO.** Tradução de Ivo Stormiolo. São Paulo: Editoras Vozes e Paulus, 2002.

BRIZA, Dulce Helena. **A Mutilação da Alma Brasileira. Um estudo arquetípico.** São Paulo: Editora Vetor, 2006.

GAMBINI, Roberto. **Espelho Índio: A formação da alma brasileira.** São Paulo: Editoras Axis Mundi e Terceiro Nome, 2000.

\_\_\_\_\_, Roberto, DIAS, Lucy. **Outros 500 Uma conversa sobre a alma brasileira.** São Paulo: Editora SENAC, 1999.

**GLOSSÁRIO DE TERMOS JUNGUIANOS.** Disponível em: <http://www.salves.com.br/j-glossnz.htm>. Acesso em 26/08/2011.

JUNG, Carl G. **Fundamentos da Psicologia Analítica. Vol. XVIII/I.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_, Carl G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Vol. IX/I.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_, Carl G. **Símbolos da transformação. Vol. X.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_, Carl G. **Memórias, sonhos e reflexões (1961).** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006.

\_\_\_\_\_, Carl G. (2008). **O homem e seus símbolos. 2ª Edição especial brasileira.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.



NEUMANN, Erich. **A grande mãe. Um estudo fenomenológico da consciência feminina do inconsciente.** São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

PENNA, J. O. de Meira. **Em berço esplêndido. Ensaio da psicologia coletiva brasileira.** Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 1999.

YOUNG-EISENDRATH, Polly e DAWSON, Terence. **Compêndio da Cambridge sobre Jung.** São Paulo: Editora Madras, 2011.